A GENÉTICA COMO MODELO EXPLICATIVO: DO ARQUEOLÓGICO AO PESSOAL[1]

Celito Kestering[2]

1 INTRODUÇÃO

Na lista das mais gratificantes atividades arqueológicas de que participei, consta a escavação da Toca do Serrote do Tenente Luiz. Trata-se de um sítio arqueológico encontrado no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara. Situa-se na depressão do São Francisco, nove quilômetros a leste da cidade de Coronel José Dias. Esta cidade localiza-se nas margens da BR-020, km 77, região Sudeste do Estado do Piauí, entre os municípios de São Raimundo Nonato e João Costa. A Toca do Serrote do Tenente Luiz é uma feição de relevo caracterizada como gruta[3].

É comum encontrar-se, nas rochas calcárias, conjuntos de espeleotemas de indescritível beleza. Galerias de formas arcadas e abundantes estalactites fazem da Toca do Serrote do Tenente Luiz um ambiente aconchegante, de clima ameno, com visual exuberante, contrastando com a caatinga estorricada, desfolhada e retorcida pela inclemência do escaldante sol do entorno.

Agridem e irritam aos amantes da natureza as cicatrizes deixadas no grande maciço de calcário pelos vândalos que a nefasta cultura secular do extrativismo continua gerando e criando nos sertões brasis. Faz pena tamanha beleza natural ostentar aos visitantes as feridas que os donos das caieiras provocaram nele para vilipendiar genuíno mármore negro, transformando-o em cal, nas fogueiras abastecidas com restos cadavéricos de frondosos angicos que grassavam nas imediações do serrote.

2 ESCAVAÇÃO DA TOCA DO SERROTE DO TENENTE LUIZ

A escavação da Toca do Serrote do Tenente Luiz excedeu às expectativas. (Fig. 1). Nela foram exumados vinte e quatro esqueletos humanos. Alguns jaziam em urnas funerárias (Fig. 2, 3 e 4) e outros, em fossas sepulcrais. Era bom o estado de conservação dos ossos que estavam nas urnas. Dentro delas, eles ficaram protegidos dos efeitos das umidificações e ressecamentos sazonais típicos e consequentes das oscilações climáticas atuais. Havia um pote de cerâmica que os cobria e outro que os continha. A maior parte dos esqueletos das urnas era de crianças que jaziam em posição fetal.

Os ossos que jaziam em fossas apresentavam muitas fraturas e visível achatamento ocasionado pelo peso dos sedimentos e pelo intenso pisoteio humano e de animais domésticos. (Fig. 5 e 6).

---

[1] Publicação digital em www.historiaehistoria.com.br (ISSN 1807-1783), no dia 29 de novembro de 2012, organizada com apoio do Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP.

[2] Licenciado em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em Pré-história (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 3 no Colegiado do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. Rua João Ferreira dos Santos, S/N; Bairro Campestre; São Raimundo Nonato – PI; CEP: 64.770-000. Fone: (89) 3582 – 2134. E-mail: celito.kestering@gmail.com

[3] "Gruta é uma cavidade de formas variadas que aparece mais frequentemente nas rochas calcárias ou em arenito de cimento calcário. Esses buracos são realizados pela dissolução do carbonato de cálcio produzida pelo ácido carbônico, pela erosão mecânica e também pela pressão hidrostática. Constituem, às vezes, verdadeiros salões, geralmente muito procurados pelos turistas". (DICIONÁRIO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO, 1978, p. 224).



Figura 1 - Início da escavação; limpeza e demarcação da área para sondagem

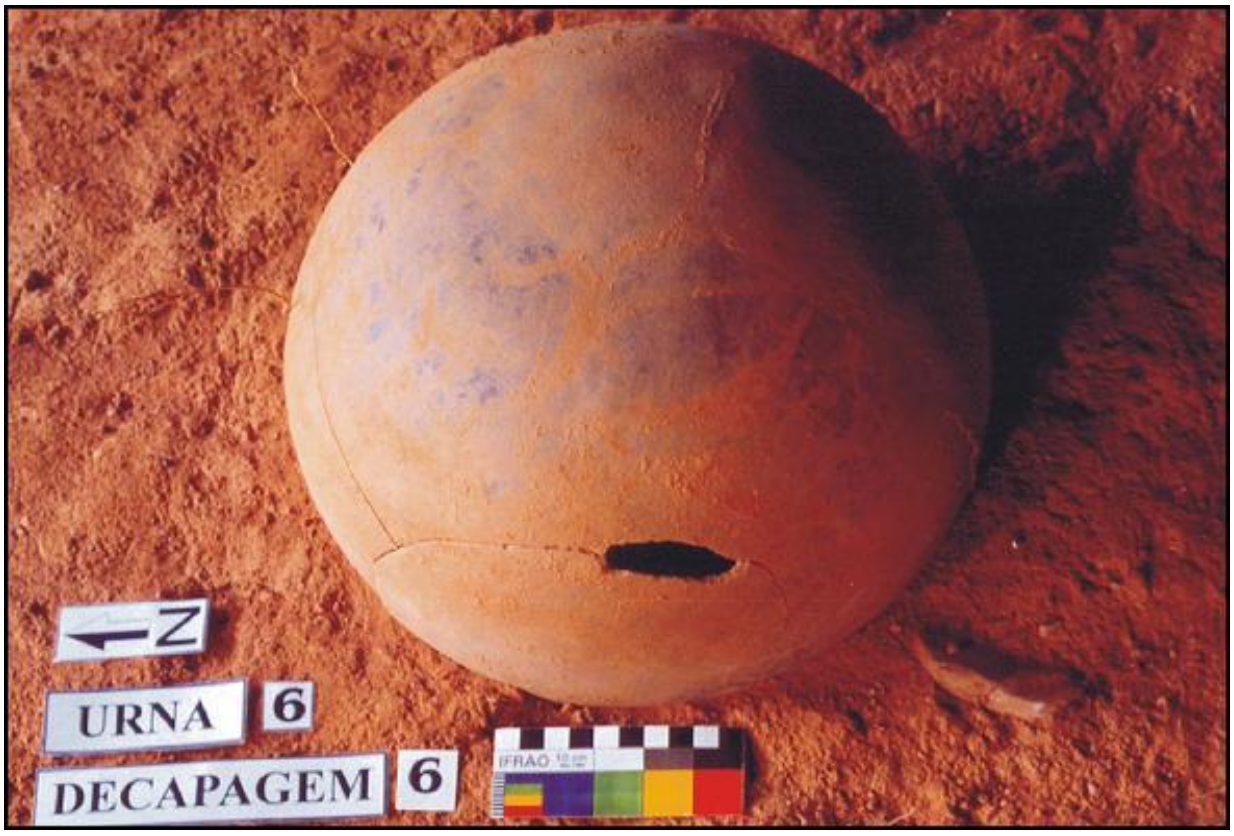


Figura 2 – Exumação de urna funerária

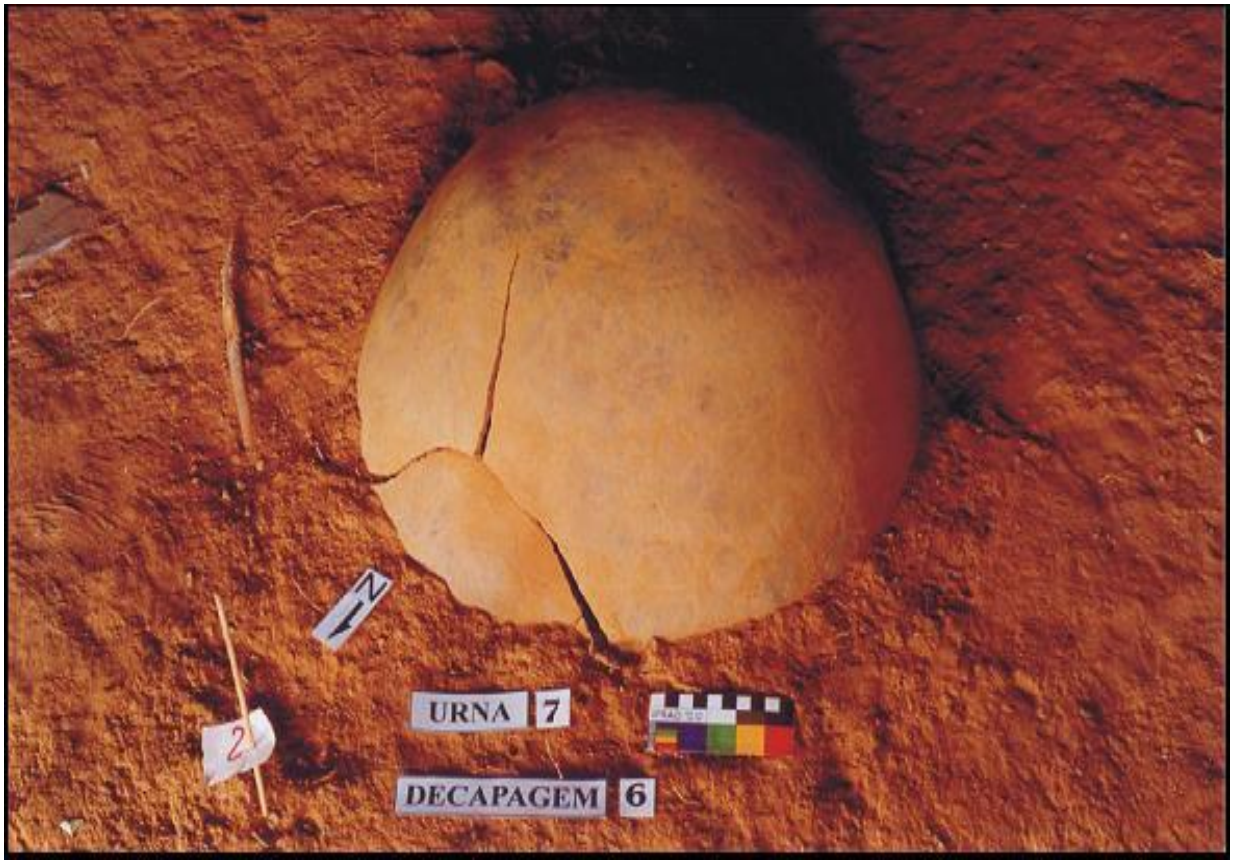


Figura 3 – Exumação de urna funerária

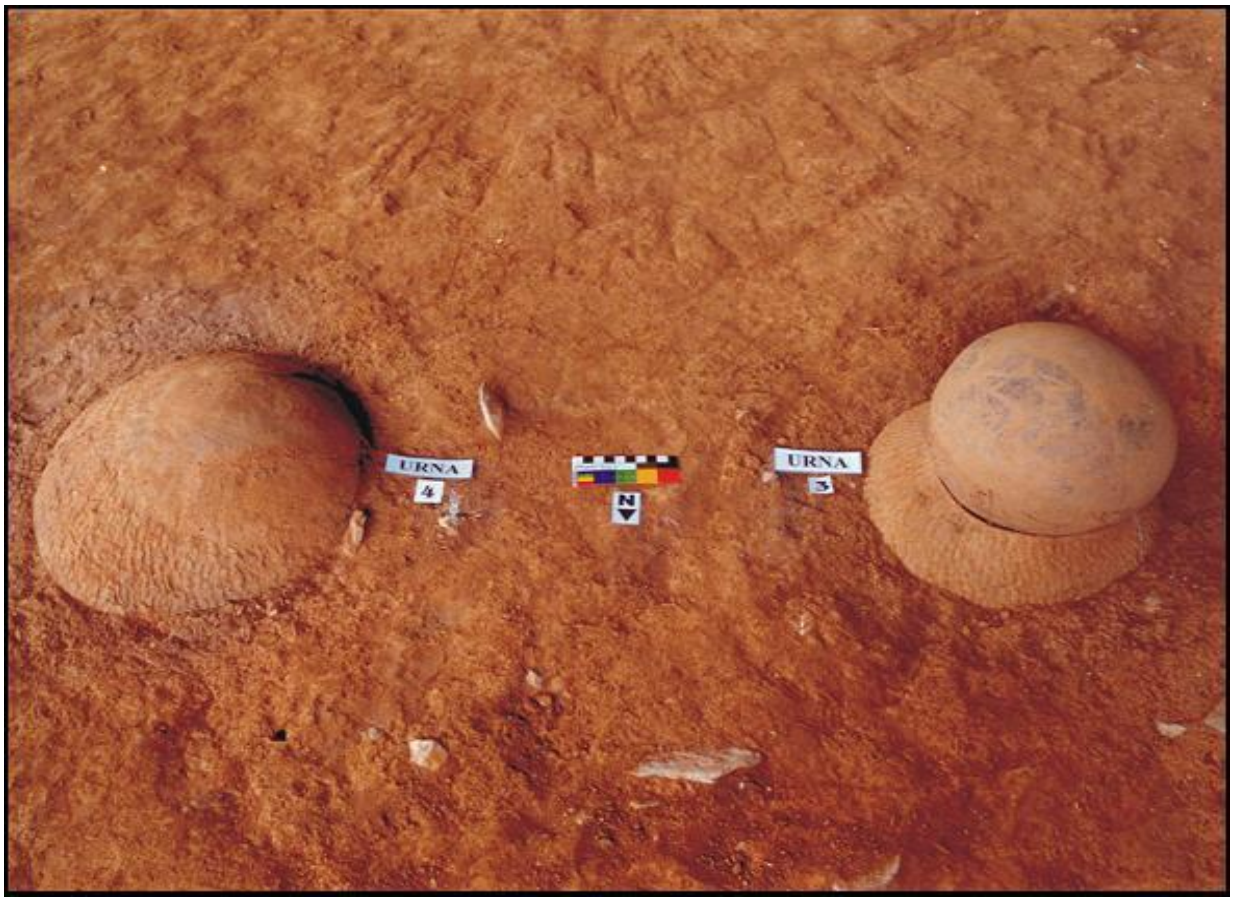


Figura 4 – Exumação de urnas funerárias

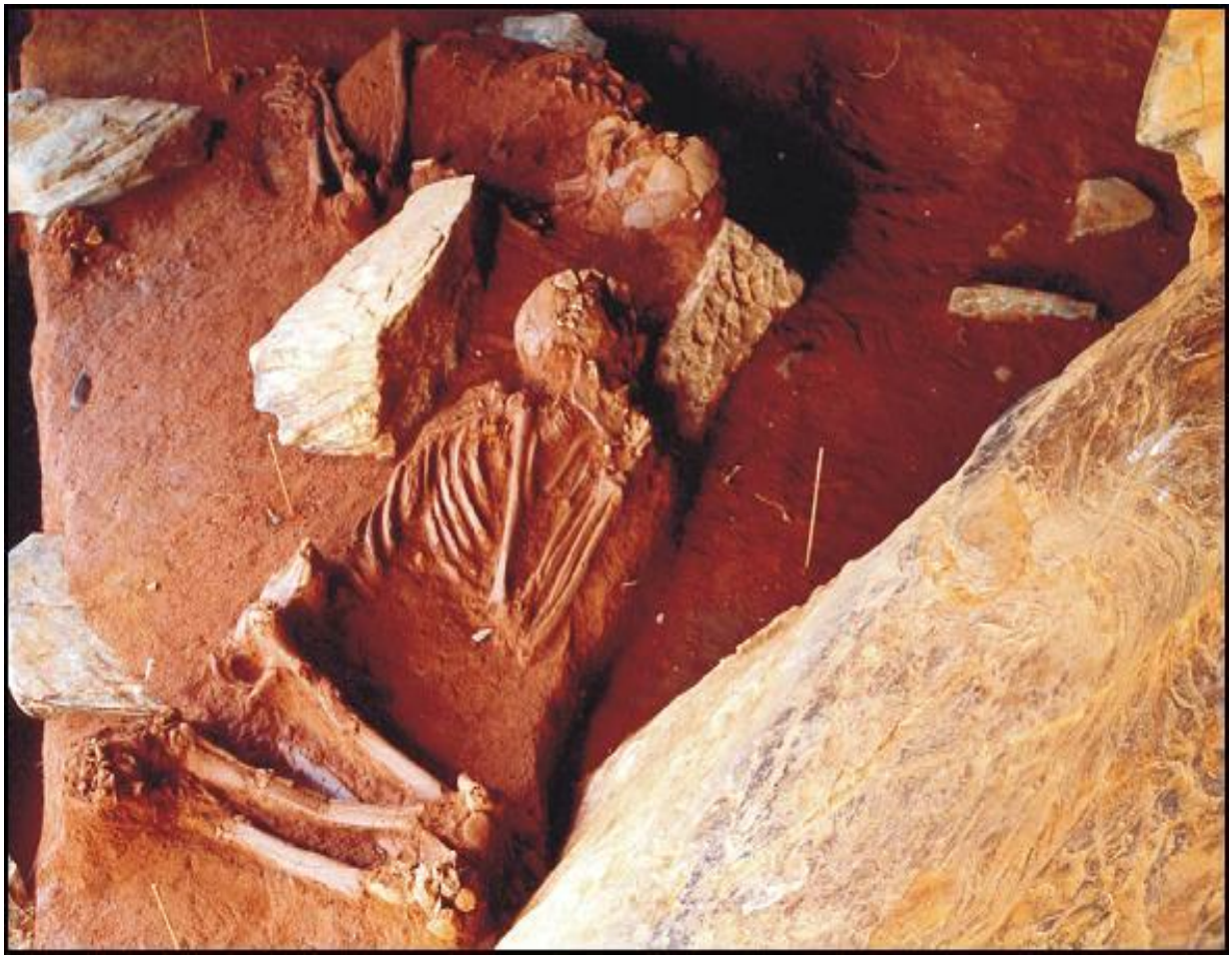


Figura 5 - Esqueletos humanos em fossas sepulcrais, em decúbito lateral esquerdo



Figura 6 - Esqueleto humano, em decúbito lateral direito

A toca vinha sendo utilizada, como costumavam ser os sítios arqueológicos da região Sudeste do Piauí, para armazenamento de cal, para abrigar cabras, ovelhas e porcos criados soltos na caatinga, para depósito de maniçoba e até como residência de vaqueiros.

A instalação do clima semiárido provocou depleção progressiva das águas que haviam se acumulado nas galerias das grutas, quando o clima da região era tropical úmido. As galerias foram então, paulatinamente, invadidas pelos sedimentos do entorno, transportados pela água das ocasionais chuvas torrenciais de verão. Nesses sedimentos é que foram enterrados e jaziam os esqueletos. Neles foram encontrados e coletados, também, muitos artefatos da indústria lítica e cerâmica, lentes de carvão e, em camadas mais profundas, ossos da megafauna pleistocênica, em adiantado estágio de fossilização.

Todo o material arqueológico da Toca do Serrote do Tenente Luiz está, agora, nos laboratórios do Centro Cultural Sérgio Motta, administrado e gerenciado pela Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM, em São Raimundo Nonato - PI. Pela sua análise é que serão gerados conhecimentos científicos referentes à pré-história regional.

2 CONTEXTO DO PESQUISADOR

No mesmo centro cultural, encontrava-se um dos seminaristas que, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão – SC recebera formação religiosa, cultural e humana, nos bons tempos do Concílio Vaticano II. Ele tinha o desafio de reconhecer, nos esqueletos e nos vestígios arqueológicos pré-históricos, elos perdidos da identidade, da dignidade e da autoestima dos sertanejos com quem acreditara poder implantar o Reino de Deus, em Sobradinho - BA, quando fazia reforma agrária, nos tempos da militância política e religiosa progressista.

Sentia-se como seminarista, portanto delével. Não carregava o peso e nem o pejo do caráter indelével que os rituais dogmáticos de iniciação imprimem nos neófitos mortais para cristalizar a certeza da imortalidade de instituições milenares.

Fazer ciência que realmente seja útil para resgatar a dignidade dos sertanejos nordestinos e da América Latina empobrecida implica permanente vigília que é própria de seminaristas em processo contínuo de avaliação. Tem-se que renovar, diariamente, compromissos com grupos paradigmáticos que comungam valores ou princípios éticos. É preciso, para isso, estar alerta e não sucumbir ao bombardeio ideológico neoliberal que alicerça a resistência das elites, mantendo princípios dogmáticos mítico-religiosos e consolidando a filosofia idealista ocidental-cristã. O bombardeio ideológico neoliberal dificulta a construção de proposições científicas de consistência formal e factual.

Sem posicionamento ideológico comprometido com mudanças na estrutura social, o cientista é um mero positivista, capacho de interesses alheios. A incapacidade de transcender os horizontes das técnicas operacionais fragiliza o cientista e a nação que paga a pesquisa, relegando ambos ao patamar de consumidores da produção científica externa. A ideologia neoliberal tem instrumentos para imprimir aos seus produtos científicos valores, inclusive mercadológicos, que lhe interessam. Tem também técnicas de *marketing* para vendê-los a quem ela própria determina que sejam consumidores.

3 NECESSIDADE DE UM MODELO EXPLICATIVO

O que fazer com o material arqueológico escavado, coletado e armazenado no laboratório? Parece evidente ter que organizá-lo em classes e subclasses. Para organizá-lo, tem-se, porém, que estabelecer critérios. O estabelecimento de critérios depende de um quadro teórico constituído de

um conjunto ordenado de explicações que justifiquem o ordenamento. As explicações, por sua vez, têm que ter seus fundamentos em uma epistemologia que lhes dê validade científica. Para que tenham validade científica, as explicações não podem ser dogmáticas e nem puramente filosóficas ou formais. As explicações precisam ter objetividade factual que permite a mensurabilidade das proposições científicas. A mensurabilidade depende da materialidade.

Pelo método hipotético dedutivo, a partir de um quadro teórico definido, buscava-se construir proposições científicas a respeito do material encontrado na Toca do Serrote do Tenente Luiz.

Durante algum tempo, os arqueólogos pensavam ser possível compreender a pré-história a partir de análises puramente descritivas dos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos. Criavam e enriqueciam bancos de dados. Partiam do pressuposto teórico de que a evolução era completamente imprevisível porque os humanos também o eram. Eles pensavam que a Arqueologia nada poderia explicar. Somente poderia descrever. O papel do arqueólogo seria simplesmente demonstrar e aprofundar o contexto dos objetos, quantificando-os, descrevendo-os e classificando-os. Além do mais, as descobertas arqueológicas falariam por elas mesmas. A Arqueologia caracterizava-se, assim, como uma disciplina descritiva, delegando aos historiadores e antropólogos a responsabilidade e o papel de entender e explicar os povos que viveram em tempos pretéritos. Na prática, as descrições e as classificações não conseguiram revelar nada além dos materiais descritos e classificados. Para que descrever e classificar vestígios se o objeto de interesse do arqueólogo é conhecer a origem, a identidade e a evolução dos grupos humanos históricos e/ou pré-históricos?

Outros arqueólogos e historiadores, reconhecidos como difusionistas, pensaram ser possível conhecer a pré-história dos povos, demonstrando sua imbricação com a difusão das culturas. Segundo estes, a análise comparativa dos caracteres de fenômenos arqueológicos permitiria reconstruir grandes acontecimentos como migrações, batalhas e decisões políticas ocorridas ao longo da história e da pré-história. Algumas civilizações, mais inventivas que as outras, seriam centros difusores de invenções e de progressos. As inovações nos artefatos das indústrias lítica e cerâmica, nas estruturas de fogueira, na agricultura, na metalurgia, na arquitetura de monumentos e nos enterramentos, produzir-se-iam uma única vez e difundir-se-iam. Durante o processo de difusão perder-se-ia, gradual e progressivamente, a pureza original dos caracteres da inovação. Na prática, constatava-se a ineficiência e a inaplicabilidade da teoria do difusionismo cultural. Constataram-se grandes diferenças entre classificações que utilizavam supostos caracteres definidores de identidades culturais e as classificações fundamentadas em informações cronológicas. Não seria conveniente, portanto, utilizar as bases teóricas da Arqueologia Difusionista, conhecida também como Arqueologia de Acontecimentos, para analisar e classificar os vestígios arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz.

E por que não aplicar os princípios teóricos da Arqueologia de cunho Antropológico? Segundo Lewis Binford (1962, p. 21-25) e adeptos da Nova Arqueologia norte-americana, poder-se-iam reconhecer a identidade, a origem e a evolução de grupos humanos pré-históricos, pela análise de semelhanças e diferenças físicas e culturais dos vestígios que as escavações fornecem. A cultura era compreendida pelos adeptos da Nova Arqueologia como o resultado do processo de adaptação dos humanos, dentro de uma estrutura social definida, gerando artefatos com formas próprias, com matérias primas específicas e com tecnologia peculiar de produção. Segundo os novos arqueólogos norte-americanos, a estrutura formal de um conjunto de artefatos, junto com as relações entre os elementos contextuais, tornaria presente um quadro global sistemático e compreensível do sistema cultural extinto. Um conjunto de símbolos seria a base para reconhecimento de distintos grupos humanos. Os artefatos revelariam relações de parentesco, estruturas sociais, filosofias e ideologias. Para os novos arqueólogos, a revelação da origem, da identidade e da evolução dos grupos humanos pré-históricos dar-se-ia pela análise da estrutura, da forma, da técnica e da matéria prima utilizada na realização ou confecção dos artefatos. Os conceitos antropológicos utilizados para a definição da identidade física e cultural de grupos humanos sobreviventes não conseguiram, porém, provar

empiricamente a relação dos dados vestigiais com a estrutura social, econômica, política e religiosa dos grupos humanos pré-históricos. Suas conclusões eram, por isso, vagas e tautológicas.

Constatados os limites da Arqueologia Antropológica, surgiu uma nova proposta teórico-metodológica para análise dos vestígios arqueológicos: a Arqueologia de Contextos. A Arqueologia de Contextos fundamentava-se no estruturalismo cujos pressupostos epistemológicos eram idealistas. Segundo a Arqueologia de Contextos, a cultura material e a sociedade seriam, em grande parte, determinados pelo pensamento simbólico. Sendo que o pensamento simbólico é variável de uma população à outra, seria impossível generalizar. Seria então necessário analisar cada caso, cada contexto, como uma estrutura única resultante de um processo histórico que lhe conferiria originalidade. (GALLAY, 1983, p. 54). Por existirem regularidades comportamentais humanas que transcendem fronteiras de sociedades específicas e pela dificuldade de interpretação da linguagem simbólica dos grupos humanos pré-históricos, compreendeu-se ser também inviável a adoção do quadro teórico da Arqueologia de Contextos para análise dos vestígios arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz.

Restava ainda a possibilidade de analisar os vestígios arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz, adotando, para tal, modelos explicativos fundamentados em teorias biológicas ou genético-culturais. Em 1975, mais de cem anos depois da publicação do livro de Charles Darwin, ***A Origem das Espécies***, Edward Osborne Wilson (1978, p. 201-205) argumentava que o comportamento dos animais sociais seria explicável pelo processo da seleção natural. Sugeriu, então, que os mesmos princípios fossem aplicados ao estudo do comportamento humano. Dizia esse pesquisador que os cientistas sociais e os humanistas, sem omitir os teólogos, mais cedo ou mais tarde, teriam que admitir que o naturalismo científico estaria destinado a alterar os fundamentos da investigação sistemática. Segundo Wilson, a cultura de cada sociedade desenvolve-se numa trajetória evolutiva definida por regras ditadas pelos *genes* da natureza humana. Até o altruísmo que não é peculiaridade do comportamento humano, mas também de outras espécies animais, seria controlado por interesses egoístas dos *genes*, em processo de seleção natural. Criaturas individuais nada mais seriam que veículos dirigidos pelos seus *genes*; eles poderiam morrer, mas os *genes* vitoriosos perpetuar-se-iam através de gerações. (SHENNAN, 2002, p. 11).

As teorias biológicas permitem que se construam árvores filogenéticas de caráter biológico e cultural para a identificação da relação antecedente - sucessor nos restos humanos e nos seus vestígios arqueológicos. A identificação dessa relação é possível pelo reconhecimento de homologias. Entende-se por homologia "toda a semelhança entre estruturas anatômicas, processos fisiológicos ou padrões de comportamento entre duas ou mais espécies, decorrente da posse de um antepassado em comum e, portanto, da posse de pelo menos alguns *genes* idênticos por descendência comum" (Wilson, 1978, p.215). Por analogia, utiliza-se o conceito de homologia para os artefatos que apresentem traços estruturais que permitam estabelecer relação filogenética de antecessor – sucessor. As homologias permitem a identificação de troncos culturais a que pertenciam os grupos produtores de artefatos. A existência dessas homologias culturais, afirmava o etólogo austríaco Konrad Lorenz (1995, p. 441), é de extrema importância teórica porque elas provam que, na passagem da informação cultural de uma geração para outra, funcionam processos que são inteiramente independentes de considerações racionais. Em muitos aspectos, as passagens são funcionalmente análogos aos fatores que mantêm a invariância na herança genética.

Absorto, na busca por uma teoria arqueológica que pudesse explicar os fenômenos arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz, chegava-me uma carta, propondo que escreva um capítulo do livro comemorativo dos 50 anos do seminário onde eu estudara e cuja construção teve início no dia 08 de agosto de 1955. Sugeria-me a comissão que escrevesse algo relacionado com a minha vida profissional, mostrando a influência que teve o período do seminário na minha formação profissional, no desempenho, no modo de ser e de conhecer o mundo.

4 A GENÉTICA: MODELO EXPLICATIVO PARA A HISTÓRIA PESSOAL

Hora do *coffee break*. Mais do que um cafezinho, no *coffee break*, conversava-se, trocavam-se informações e atualizavam-se banalidades. Aproveitei o momento para comentar com meus colegas pesquisadores sobre o quadro teórico que estava propenso a utilizar para explicar os fenômenos pré-históricos. Sem nenhuma oposição, a teoria evolutiva de caráter biológico e cultural parecia-me ser a mais apropriada para a compreensão da identidade, da origem e da evolução dos grupos humanos pré-históricos. Ela deveria ser adotada para análise dos 24 esqueletos e dos vestígios encontrados na escavação da Toca do Serrote do Tenente Luiz.

Eu estava satisfeito pela unanimidade das opiniões. Não esperava que alguém sugerisse o mesmo modelo explicativo para compreender a origem, a identidade e a evolução do arqueólogo preocupado em conhecer os grupos humanos pré-históricos da região Sudeste do Estado do Piauí. Se o modelo explicativo servia para dar caráter científico a proposições explicativas referentes aos humanos que viveram há centenas ou milhares de anos, deveria servir também para emitir cunho científico às explicações da história do pesquisador que, por estar ainda vivo, poderia comprovar a eficácia da teoria adotada.

Alguns dias depois, retornei ao texto. Eu já ministrara algumas aulas sobre o modelo explicativo de caráter biológico e cultural para os alunos do Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. (Fig. 7).



Figura 7 - Aula de Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica, no Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF

Eu já havia convencido a maioria deles de que a cultura evolui como evoluem fisicamente os animais, na busca do sucesso reprodutivo da espécie. Eu já me convencera e provocara dúvidas reticentes em meus alunos de que seria perfeitamente possível identificar relações filogenéticas físicas,

comportamentais e culturais dos humanos. Decidi então analisar minha vida como a história de um *container* de *genes*. Decidi compreender minha existência dirigida pelos interesses egoístas dos *genes* e da cultura.

5 MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Eu tinha dez anos completos quando entrei no seminário. Era a primeira vez que eu deixava o seio da família. O acontecimento tinha para os *genes* Böger-Kestering e para a cultura germânica tradicional, relevância muitas vezes superior ao que representava o ritual de traslado de um neófito dos renques eclesiásticos, do povoado de Morro do Cruzeiro (antigo Morro do Gato) para o Educandário São Joaquim (Seminário Menor de São Ludgero).

Do Morro do Gato ao Educandário São Joaquim viajava-se a pé, a cavalo ou de carro de boi. Eram poucas as famílias que tinham charrete. Não sei por que, no Morro do Gato, charrete tinha o nome de aranha. Tio Paulo possuía uma aranha. Ela era diferente das outras que eu conhecia porque tinha freio. Os cavalos do tio Paulo não precisavam esforçar-se tanto quanto os dos outros moradores do povoado para segurar a aranha nas descidas mais íngremes da estrada do Morro dos Locks.

Naquele trecho do caminho, tio Paulo punha o pé direito no freio, brecando a charrete com firmeza. Às vezes, a aranha deslizava, de arrasto, pela estrada lamacenta e escorregadia, impondo ao cavalo um esforço adicional para não despencar no medonho grotão.

Não viajei com a aranha do tio Paulo. Meu pai precisava passar na Cooperativa Agrícola Mista de São Ludgero onde compraria algumas latas de querosene da marca Jacaré. O querosene era usado para abastecer os lampiões de nossa casa. Os lampiões eram peças fundamentais para a execução diária dos rituais da noite.

Na casa de meus pais, o ritual noturno era sagrado. Obedecia a uma sequência de cantilena: lavação dos pés em grandes gamelas de madeira; preparo da ceia, esquentando, cozinhando ou fritando a comida que sobrara do café da manhã, do almoço, da janta e do café da tarde; servir e servir-se da ceia com toda a família reunida, conversando sobre os acontecimentos do dia e planejando as atividades do dia seguinte; a reza do *roserkrans* (rosário), intercalando ave-marias e Santa-Marias, intermediando com a ladainha de Nossa Senhora e concluindo com a salve rainha; a lavação da louça e, finalmente, a bênção na pia de água benta, localizada em uma parede da sala, para meter-se, logo depois, em baixo de um cobertor de penas e dormir o merecido sono, sem ser perturbado pelos temidos e indesejados pesadelos que o diabo inoculava no coração, na mente e na alma dos relapsos.

Acordamos muito cedo, como de costume. Enquanto minha mãe e eu terminávamos de arrumar as malas, meu pai punha os bois à canga e os amarrava no mourão da porteira, na saída do terreiro da casa. Nossos bois, o Barroso e o Queimado, eram bons, bem domados e mansos. Aravam, tiravam madeira no carretão, sulcavam, gradeavam o solo e puxavam o carro, em posição ereta, sem se estribarem como faziam algumas juntas mal domadas de bois que eu conhecia. Entendia-se por estribar o costume que tinham algumas juntas de bois de fazerem esforço para as laterais do cabeçalho do carro, diminuindo assim o esforço de tração que deveriam direcionar para frente.

Fizemos a costumeira oração que precedia o café da manhã. Alimentamo-nos bem. Servimo-nos do café que produzimos na roça do morro; do açúcar e do cuscuz que industrializamos no engenho da família; do pão de milho moído em nossa atafona; do pão de trigo produzido na roça da grota funda; do leite tirado das vacas que tínhamos no pasto; de broas de polvilho, de cuca e de bolo. Não faltou, também, a *schmier*, (doce de frutas que era servido no café da manhã para ser consumido junto com o pão de milho ou de trigo). Na mesa havia muito *schmant* (nata de leite), coalhada e manteiga de gado. Se não me falha a memória, havia, também, colostro, servido como coalhada escorrida. O colostro era feito com o leite tirado da vaca, nos primeiros dias após o nascimento do bezerro. É uma

comida de sabor muito agradável, rico em proteínas e gorduras. Comemos, ainda, morcilha (lingüiça feita com sangue e miúdos de porco) e salame.

Ouvimos com atenção, meu pai e eu, os conselhos e as recomendações de minha mãe e saímos. Meu pai, sentado sobre a mala velha que tio João comprara quando fora servir o exército e usada agora para transportar meu enxoval, dirigia os bois. Em sua cintura carregava um grande facão, peça indumentária de mil e uma utilidades e indispensável para todo o agricultor que viajasse de carro de boi. A mala estava bem amarrada com um torçal, em dois pinos fixos nas laterais inferiores do carro. Eu viajei na parte traseira do carro, em pé e segurado em dois fueiros. Era eu que descia para abrir e fechar as muitas porteiras que havia no percurso.

Meus pais não sabiam, mas eu era uma cria humana infeliz. Eu era um coitado. Maldizia, no íntimo de meus pensamentos, o coito que me gerou. Melhor seria se não tivesse nascido. Por infelicidade, eu nascera humano, dotado de uma alma imortal que, seguramente, arderia nas chamas do inferno, enquanto nele existisse uma fagulha do fogo ardente que queimava sem consumir. Os santinhos de papel dourado que o Pe. José Pereira Kunz ofertava quando de suas visitas pastorais, roíam a essência da minha existência. Eu os colecionava. Tinha já mais de cem. Diariamente os contava, admirava-os e me convencia de que o céu deveria, realmente, ser um lugar muito bom, mas, infelizmente, não era feito para mim. Era humanamente impossível um menino travesso, hiperativo como eu, ter a felicidade de alcançar o céu. A felicidade eterna, no paraíso celestial, em companhia de Deus, dos anjos e dos santos, era destinada às almas puras. O céu era para almas dos mansos, dos calmos, dos quietos, dos cordeirinhos, da Ana Felthaus a quem eu via sempre na Igreja, dos piolhos de igreja, dos ratos de sacristia e dos abestalhados.

Eu suava frio ao pensar que a eternidade era um tempo que não se acabaria. Sentia vertigens ao pensar que minha alma era eterna. Ensinava-se que a eternidade poderia ser comparada com um diamante, o mais duro dos cristais, se este medisse seis quilômetros de comprimento, seis quilômetros de largura e seis quilômetros de altura. Se nesse diamante um passarinho, de cem em cem anos, fosse limpar seu bico, teria passado um segundo da eternidade quando ele todo tivesse sido desgastado. Dizia-se também que no inferno havia um relógio que, ao invés do tique taque, repetia as palavras sempre e nunca, lembrando aos condenados que, naquele lugar de suplício eterno, sempre ficariam e nunca sairiam.

Eu era um mijolo humano desgraçado, condenado à insanidade mental, à debilidade física, à morte prematura e ao fogo do inferno. Alimentava-me mal. Não eram gostosas as comidas postas à mesa, por mais fartas e variadas que fossem. Eu era acometido por dores de barriga e por enxaquecas, quase todos os dias. Faltava-me oxigênio quando, na escola, rezava o terço ou assistia as missas do Pe. José Pereira Kunz. Tinha horror ao sacramento da confissão. Todas as minhas confissões eram mal feitas porque eu não conseguia contar para o padre os pecados do jeito que eu os tinha cometido. O conceito de pecado não era bem definido. A linha divisória entre o pecado venial e o pecado mortal era muito tênue e confusa. Confessar significava entrar no confessionário com um número de pecados e sair com os mesmos pecados não perdoados e mais um pecado mortal acrescido: o da confissão mal feita.

Feliz determinação genética aquela que me fez sair, roendo amarga saudade, do ninho quente de amor, da casa de meus pais, onde a morte rondava com sua gadanha afiada, usando as níveas vestimentas da tradição cultural religiosa tridentina. No carro de boi, sem saber, meu pai transportava minha mala e viabilizava minha sobrevivência, atendendo a um interesse egoísta dos *genes* em busca do seu sucesso reprodutivo.

Fiquei no seminário durante doze anos. Nos primeiros dias, a saudade de casa quase me fez desistir. Eu continuava alimentando-me mal, apesar da farta comida servida aos seminaristas. Aos tormentos existenciais vividos na infância, acrescera-se a dor da saudade. Para felicidade dos *genes*, sobreviveu o *container*. Comecei a afeiçoar-me pela vida do seminário. Eu gostava de esporte. Aprendi a jogar futebol de campo, futebol de salão, vôlei, basquete, tênis de campo, tênis de mesa, espiribol e

quadrilha. Deleitava-me com os trabalhos na horta. Produzíamos repolho, alface, rabanete, nabo, couve, quiabo, milho, tomate, feijão de vara, feijão preto, cebola, cebolinha e salsa. Como eram prazerosos os banhos no rio, logo que terminavam os trabalhos agrícolas! Nas horas de estudo sério, desligava-me do mundo, viajava na fantasia. Enquanto estudava latim, parecia estar em Roma, com Cícero, no senado, com Júlio César, nas guerras de conquista. Odiava Catilina. Amava Cleópatra. Como gostava de estudar grego! Invejava a inteligência de Homero. Que prazer me dava traduzir a bíblia do grego para o português e descobrir que palavras escritas em algumas bíblias não haviam sido traduzidas com o mesmo sentido da bíblia original grega! Comecei a gostar até das rezas. Pe. Afonso Schlickman preenchia quase todo o tempo da reza com cantos religiosos. Eu gostava de cantar. O canto me fez gostar da reza.

Vivi, com intensidade, a mudança no horizonte conceitual de Deus promovida pelo Concílio Vaticano II e adotada, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, durante a maior parte do tempo que lá vivi. Durante os doze anos de claustro, pratiquei muito esporte; trabalhei, com muito gosto; rezei e cantei feito um condenado para conquistar o céu e, acima de tudo, li e estudei tudo o que me era proposto. Quando terminei o curso de Filosofia eu já estava relacionando-me muito bem com a vida. Alimentava-me como um padre santo e dormia como um porco farto. O seminário deixou-me um jovem saudável, com disciplina e com fantástica referencia cultural. Eu ainda tinha medo do inferno, mas ele não me atemorizava como nos tempos passados da minha infância. Os *genes* da família Böger-Kestering usufruíam agora de um corpo sadio e de uma mente refrescada pelos conhecimentos de outras culturas, através do estudo.

O seminário, fomentando o consumo de Deus como lenitivo (não importava se tinha o rótulo de remédio, analgésico, anestésico, droga ou ópio e nem se criaria dependência física, emocional ou mental), aliviou-me, por um bom tempo, as angústias, as dores existenciais, os traumas e as doenças que a religião criara na minha infância. Muniu-me de uma bagagem cultural que poderia muito bem ser utilizada como asas para o voo nupcial que os *genes* precisavam fazer, em busca do seu sucesso reprodutivo. Estavam os *genes* prontos para voar. Dependiam somente de uma plataforma para partirem rumo a novas culturas e estranhas etnias com quem pudessem, através da miscigenação, contribuir para se perpetuarem e fortalecerem a espécie humana.

Surgiu o Projeto Igrejas Irmãs, na medida perfeita, para os *genes* utilizarem o *container* móvel que os transportaria para se reproduzirem e se fortalecerem em um contexto biológico e cultural diferente. Viva a diferença! Vivam os *genes*! Sobreviva o seminarista transportador de *genes* e de bagagem cultural suficiente para fazê-los reproduzirem-se e se perpetuarem na região semiárida do nordeste brasileiro! No sertão da Bahia, outros *genes* e outra cultura os esperavam com o mesmo objetivo.

Cheguei à cidade de Rodelas, no sertão semiárido nordestino, no início de 1975, com o objetivo de organizar os trabalhadores rurais para enfrentamento conjunto de problemas que a construção da Barragem de Itaparica traria, inundando as terras ribeirinhas do Rio São Francisco. Pretendia evitar, através da conscientização e da organização dos trabalhadores rurais, que se repetissem os impactos sociais e traumas da relocação de que fora vítima parcela significativa da população ribeirinha com a construção de uma barragem, na região de Sobradinho.

Engajei-me nas atividades pastorais, sindicais e associativistas. Dediquei-me com afinco ao trabalho, por acreditar que estava contribuindo com a população local. Eu não sabia, mas os *genes* Böger-Kestering, estavam interessados mesmo era em se perpetuarem. Tive oportunidade de conhecer muita gente bonita, brancas, morenas, índias e mestiças. Ninguém, absolutamente ninguém, despertou maior interesse para os *genes* Böger-Kestering, concentrados, assanhados e aprisionados no *container* Celito, que um conjunto miscigenado de *genes* Soares-Ribeiro, concentrados, assanhados e aprisionados em um outro *container* humano cujo nome de batismo era Ducilene, a Doce-Lua de minha vida.

Ducilene e eu apaixonamo-nos no primeiro momento em que nos vimos. Lutamos e relutamos contra nossos sentimentos e contra os interesses egoístas dos *genes*. Tivemos disciplina, estrutura

emocional e cultura suficiente para controlar, por algum tempo, os imperativos genéticos que tinham então virulência aditivada pela efervescência hormonal da juventude.

Retornaram as dores de cabeça e problemas digestivos de minha infância. Eu vivenciava, novamente, conflitos existenciais homéricos. Não queria trair a confiança da Igreja, dos padres do Seminário, da família e nem da comunidade cristã catarinense. Eu brecava, com firmeza, o *container* que deslizava como a aranha do tio Paulo, na íngreme ladeira da estrada da vida. Os *genes*, enérgica e imperativamente, mostravam a estrada escorregadia por onde, necessariamente, teria que passar, rodando ou deslizando de arrasto, o *container* que os transportava. Depressão e problemas psicossomáticos fizeram com que ressurgisse das cinzas o inferno vivido na infância. O sentimento de culpa antecipava, para minha atribulada vida terrena, o inferno a que estava predestinado viver por toda a eternidade.

Casamo-nos, quase três anos depois, no dia 24 de dezembro de 1977, na Igreja São João Batista e no Cartório de Rodelas, sacramentando a sacrílega união determinada pelos *genes*, mas não afinada com a tradição religiosa cristã que me indicara o celibato como condição *sine qua non* para o exercício eclesial nobre da instituição. Ser leigo era ser vulgar, implicava tornar-se mortal comum. Ducilene e eu, por determinação genética, fizemo-nos plebe, ralé da aristocracia católica apostólica romana e escória da hierarquia eclesial da América Latina. Nodoamo-nos no lamaçal da existência humana comum. Deixamos de ser quase divinos, porta-vozes de Deus, para sermos amordaçados pelos vis e torpes reclamos da carne. Consumamos nosso infinito e prazeroso amor proibido, ambos pela vez primeira, três dias depois de casados, na casa paroquial de Sobradinho onde o vigário, amigo nosso, hospedava-se somente nos finais de semana.

Por feliz ironia da sorte, encontramos, em Juazeiro, BA, o bispo D. José Rodrigues, de saudosa memória, adepto da Teologia da Libertação. Na sua diocese havia espaço para os expulsos do paraíso**,** para os expatriados dos renques clericais**,** os ex-padres**,** os ex-seminaristas e os ex-porta-vozes do Deus de Trento que quisessem contribuir na construção de uma sociedade melhor, o Reino do Deus da Libertação.

O Deus da Libertação não somente permitia como também incentivava nosso interesse em contribuir com a mudança social. Engajamo-nos nas atividades pastorais. Éramos quase um "exército de Brancaleone", mas fizemos história. Ducilene alfabetizava e conscientizava politicamente as prostitutas do baixo meretrício e eu, enquanto cursava a Faculdade de Agronomia, realizava trabalhos de conscientização e organização dos trabalhadores rurais, na Comissão Pastoral da Terra.

Mudamo-nos, depois, para Sobradinho onde nos dedicamos às atividades pastorais e, num segundo momento, à militância política. Ducilene e eu, pelo que sei, fomos o primeiro casal da América Latina a quem um bispo, com o consentimento do papa João Paulo II, confiou a responsabilidade pela administração de uma paróquia católica romana.

Participamos efetivamente do processo da emancipação política do acampamento construído para abrigar os trabalhadores que construíram a Barragem de Sobradinho. Quando findaram as obras de construção da Barragem, contribuímos com a luta dos trabalhadores desempregados, na busca de alternativa para sua sobrevivência. Participamos na sua organização em associações para ocupar e implantar projetos agrícolas, nas terras devolutas do entorno da atual cidade de Sobradinho. Decepcionamo-nos com o insucesso de nossos projetos. Concluímos que as mudanças sociais e os projetos de auto-sustentação que sonhávamos não teriam, em curto prazo, o sucesso desejado.

Começamos a acreditar que a mudança da realidade social do Brasil e, sobretudo da região semiárida, dar-se-ia, em médio ou longo prazo, pelos caminhos da educação. Ducilene, graduada em Letras e especialista em Psicopedagogia, busca agora, enquanto professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado da Bahia e do Município de Sobradinho, contribuir com o resgate da dignidade e da autoestima dos alunos que têm dificuldade de aprender. Ela acredita poder engajá-los no processo de desenvolvimento da região para participarem na concretização do seu sonho de uma sociedade igualitária, humana e feliz.

Decidi estudar a pré-história nordestina. Feliz decisão a minha de adentrar no mundo da ciência arqueológica para compreender melhor a vida! Nas escavações de que participava, encontrava vestígios de grupos humanos pré-históricos que, por opção, não construíam templos e nem palácios. Viviam soltos pelos campos silvestres sem cerca, no Nordeste do Brasil. Sepultavam seus mortos em urnas de cerâmica ou em fossas sepulcrais. Não tinham túmulos suntuosos e nem medo do fogo eterno que atormentara minha vida. Eram livres da filosofia ocidental cristã que promove doenças nos humanos para anestesiá-los depois, com divinais lenitivos traficados com o beneplácito do imperialismo.

Enquanto professor na Universidade Federal do Vale do São Francisco, eu oriento a juventude estudantil, para que se aproprie dos valores e preserve o que os autênticos e destemidos nordestinos do passado produziram. O patrimônio cultural construído por eles em meio natural de beleza exuberante é a melhor referência que se tem no Nordeste brasileiro para que os humanos vivam livres, felizes e soltos como voam os pássaros do Parque Nacional Serra da Capivara, onde realizei escavações.

Os humanos dão-se bem na vida e são felizes quando, atendendo aos interesses egoístas dos *genes*, conseguem orientá-los com as rédeas da ética e da cultura. Minha história resume-se na trajetória que fiz entre a infelicidade gerada pelos ditames dogmático-religiosos da infância e a felicidade alcançada pela compreensão da realidade sob a ótica da ciência. Sou hoje um humano feliz. Não preciso mais morrer para ir ao inferno que a religião construiu. Vivo o céu que a ciência ajuda-me descobrir e conquistar.

6 DEUS PLURAL

No processo evolutivo pessoal, entendi que é necessário ler a bíblia e outros livros sob uma ótica diferente da que aprendi na juventude, para compreender a estrutura injusta da sociedade e ajudar a desmantelar seus muros. Comecei a lê-los com as lentes vermelhas do Materialismo Histórico Marxista. Foi aí que compreendi a proposta de Gramsci e a necessidade de tornar-me um intelectual orgânico, conscientizando e fomentando a participação dos trabalhadores nos movimentos sociais.

Embriaguei-me com as ideias de Marx e de Jesus Cristo. Esvaiu-se, aos poucos, em mim, a crença anestésica da vida eterna *pós-mortis* como se esgota uma fonte exposta aos raios solares no sertão seco do Nordeste brasileiro. Para mim, a morte e a ressurreição de Cristo acontecem no contexto das comunidades que se insurgem contra o capitalismo, plantando, nas fendas deste sistema nefasto, a semente de sociedade justa e fraterna.

Nas comunidades eclesiais de base da região Nordeste, aprendi a beber, com sofreguidão a proposta da Igreja Católica comprometida com a sociedade. Meu Deus era o mesmo de D. Helder Câmara, D. Pedro Casaldáliga, D. José Rodrigues e de outros bispos empenhados na promoção das mudanças sociais.

Vivenciei o horizonte conceitual de Deus como justiça. Meu Deus fomentava a construção de um reino fraterno e igualitário, situado no tempo e no espaço. Revoltava-me porque o sangue de Cristo derramava-se nos assassinatos promovidos pelo modelo de sociedade capitalista e pela ditadura militar, alinhados muito mais com interesses econômicos externos do que com o bem estar da sociedade brasileira.

Em várias lutas contra injustiças, consegui congregar brancos, negros e índios, de religiões e crenças diferentes, para o enfrentamento conjunto de problemas. Nesses encontros rompia-se o sectarismo etnocêntrico de cada uma delas para uma união efetiva que encorajava trabalhadores diversos na luta pela conquista de direitos comuns. Poucos vivem essa experiência do deus plural. Eu vivi. Dancei Candomblé, em terreiros de Umbanda e de Quimbanda. Em rituais de Toré, ajudei a invocar os

espíritos dos ancestrais encantados dos índios. Assim, aprendi a relativizar o mito judaico cristão que eu acreditava ser absoluto e a respeitar as divindades dos outros grupos. O Deus de Trento passou a ter o mesmo valor dos deuses que até então eu considerava pagãos e de categoria inferior. **No gesto da partilha**, que a relativização do meu Deus absoluto propiciava, eu sentia a presença do Cristo ressuscitado que João XXIII pretendia para a sua e nossa Igreja pós-conciliar.

Nos anos mais recentes, constatei grande proliferação de igrejas protestantes na América do Sul e, principalmente, na Região Nordeste do Brasil. Como materialista histórico, convertido pela Teologia da Libertação, não consigo comungar com a pluralidade das igrejas protestantes porque se sustenta na crença de um Deus único, imperialista e mercantilista. Plurais são apenas as interpretações dos escritos bíblicos. Na pluralidade das compreensões, cada fiel, com as estruturas pessoais subjetivas, constrói imagens mentais que se tornam objetos de sua adoração. Nas igrejas protestantes não se presta culto ao Deus real que seria inatingível, mas, à imagem que dele se faz, a partir da livre interpretação subjetiva da bíblia. Entre ele, o crente, e a mensagem que lê, estão as suas estruturas mentais, físicas, hormonais, sociais e, principalmente, a ideologia capitalista liberal. No fomento à adoração de imagens pessoais incita-se a percepção de identidades individuais, ávidas pelo consumo de bens capitalistas.

Aprendi a ver, com simpatia, as divindades do Candomblé, genuína religião dos escravos africanos. No Candomblé, Deus não é único e verdadeiro. Ele manifesta-se nos orixás, espíritos do bem e do mal. Nos seus rituais, entendi que os humanos, para sobreviverem, precisam ser egoístas e altruístas, maus e bons a um só e mesmo tempo.

Aprendi a ver, com mais simpatia ainda, as divindades do Toré, genuína religião dos índios. Vez em quando, índios da Tribo Truká realizam seus rituais, junto à Serra do Olho D'Água, no Município de Sobradinho, onde se localiza a aldeia deles (Fig. 8).

Na região de Sobradinho, principalmente no Município de Sento Sé, conheci feições de relevo como boqueirões, grotas e serrotes com pinturas rupestres em profusão. Várias dessas feições têm suas terras cultivadas por famílias de pequenos agricultores e criadores que dizem descender de uma bisavó índia, pega a dente de cachorro. Nelas existem olhos d'água que mantêm permanente um trecho do riacho em cujas margens cultivam-se, como nos tempos antigos, culturas agrícolas permanentes e temporárias de subsistência.

Em uma das feições de relevo, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, fiz dissertação de mestrado em Pré-história e tese de doutorado em Arqueologia. Mantive, durante anos, muitos contatos com esses moradores, para conhecê-los, com o intuito de identificar padrões comportamentais e gestuais dos seus ancestrais índios que se conservam nos seus rituais.

> Para eles, o boqueirão é um lugar sagrado onde dizem morar os espíritos dos seus ancestrais índios. Para chamar pelos espíritos dos ancestrais, grupos de pessoas do Povoado de São Gonçalo da Serra e de povoados vizinhos reúnem-se periodicamente, nas proximidades da entrada norte do Boqueirão. Ali realizam a dança do Toré, cantando hinos do catolicismo tridentino. Dizem que, em tempos remotos da história, a dança do Toré era realizada dentro do boqueirão (...), onde a vegetação é escassa e o sedimento, composto de areia fina quatzosa (...)
>
> Quando o ambiente está devidamente purificado, após algumas horas de cantos e danças, com intervalos para consumo de juremada, aproxima-se o espírito. Apossa-se do corpo de um dos dançarinos para fazer recomendações e receitar remédios a pessoas que sofrem de males não conhecidos pela medicina oficial. Todos ficam em silêncio para ouvir as recomendações do espírito. Aos espíritos fazem oferendas, agradecendo curas de enfermidades, graças alcançadas e orientações de resultados positivos. (KESTERING, 2001, p. 49-50).



Figura 8 – Índios Truká, dançando o Toré, em Sobradinho - BA

6 DO CULTO AOS OBJETOS ANTIGOS À BUSCA DE IDENTIDADES

Atualmente, faço pesquisas na fronteira norte da Chapada Diamantina. Para que os conhecimentos que produzo tenham caráter científico, abandonei, definitivamente, os preceitos epistemológicos e metodológicos da Arqueologia puramente descritiva e técnica, originária do termo *archaios* que se traduz como velho ou antigo. Quando fazia pesquisas fundamentadas neste perfil, ainda mantinha afeição pela busca de minhas origens, bem como pelas raízes judaicas e cristãs. O máximo que consegui foi descobrir a origem e a evolução do meu grupo familiar desde o século XVII. Das raízes judaicas descobri que seu mito monoteísta foi criado por Akenaton e aperfeiçoado por Moisés, para servirem de suporte ideológico no controle político dos seus súditos. Descobri que todos os horizontes conceituais de deuses únicos e verdadeiros tiveram sua origem em sociedades cujos governantes pretendiam ter o controle político de multidões para concretizar sonhos imperialistas pessoais. Um exemplo disso foi a divindade de Aton, aperfeiçoada por Moisés, adequando-a à crença dos patriarcas do judaísmo.

Hoje prefiro trabalhar com a Arqueologia fundamentada no termo *arké* que se traduz como **essência**. Quero contribuir no fortalecimento da autoestima sertaneja para a construção de uma identidade brasileira alicerçada na pluralidade étnica que a compõe. Nas minhas pesquisas busco o reconhecimento da *arké*, essência ou identidade de grupos secularmente marginalizados quais sejam os índios e os negros.

> Identidade é o arquétipo a partir do qual os indivíduos e os grupos sociais constroem a ideia de quem são e estabelecem o padrão de relação com outros membros da própria espécie e com o ambiente, para garantir a sobrevivência e o sucesso reprodutivo. Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes

> bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem despossuídas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, precisam desenvolver técnicas e comportamentos padronizados para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais. (KESTERING, 2007, p. 20).

A essência dos grupos pré-históricos materializa-se nos gestos e nos padrões comportamentais que se conservam nas pinturas rupestres, nos fragmentos cerâmicos, nos artefatos líticos e nos enxovais de enterramento. Os mitos são efêmeros. Enquadram-se nos atributos diferenciadores de etnias situadas em espaços diferentes, em curtos lapsos de tempo. Os ritos, por sua vez, constituem a essência dos grupos. Eles permitem relacionar etnias diversificadas a um ancestral comum. É assim que, por serem relacionados com a estrutura genética dos grupos, definem as tradições. Eles perpassam o tempo e revelam a essência, a estrutura física e mental, ou a identidade dos grupos humanos. Os genes conservam a memória do que deu certo no passado, dá certo no presente e perpetuar-se-á, dando certo, no futuro.

> Os rituais são constituídos por conjuntos de ações regulares e repetitivas que os grupos empregam na realização de atividades técnicas, para compensar limitações físicas; nas ações do cotidiano, para equacionar problemas funcionais de rotina; ou nos cerimoniais, para preservar a memória de acontecimentos ou referências (...) importantes para a sobrevivência e sucesso reprodutivo. Os rituais não são ambíguos porque reproduzem movimentos corporais rigorosamente padronizados. Os genomas dos indivíduos contêm as informações de comportamentos teleonômicos que deram certo e garantiram a sobrevivência e o sucesso reprodutivo dos grupos. De acordo com Piaget (1996), 'os genomas são sistemas organizados de *genes* que regulam a manutenção de estruturas que dão estabilidade física e emocional aos indivíduos'. As ações dos humanos, como as de outras espécies, obedecem padrões motores aprendidos nas experiências acumuladas. (KESTERING, 2007, p. 20).

No processo de realização de artefatos, os padrões motores dos indivíduos imprimem marcas que se conservam e permitem o reconhecimento de atributos que definem a identidade do grupo. A presença recorrente de formas e de técnicas, bem como as relações constantes entre unidades de artefatos e as suas distribuições espaciais, sugerem, por isso, padrões gestuais e comportamentais dos autores com as quais estão relacionadas. O auxílio de outras ciências, para a reconstituição da paisagem e obtenção de cronologias, bem como para identificar relações filogenéticas, concorre para a redução da ambiguidade sobre a identidade dos grupos pré-históricos. Pessis (2003) argumenta a possibilidade de reconhecimento dos atributos padronizados de identidades pré-históricas que se conservam nos artefatos, dizendo:

> Cada indivíduo de uma comunidade, para se relacionar socialmente, utiliza formas de apresentação corporal e ornamental como constantes que fazem parte de sua identidade social. Essas modalidades de se exibir utilizam posturas, gestos, sons, ornamentos, ritmos, que viabilizam a integração das pessoas em um universo fluido de comunicação. Para que exista esta comunicação, deve existir um consenso sobre que posturas, gestos e ritmos fazem parte da identidade do grupo. É uma linguagem não verbal que permite compreender-se, avaliar-se, posicionar-se no contexto e, em síntese, reconhecer-se.
>
> Esses modos de se apresentar socialmente fazem parte da cultura de cada indivíduo e são indispensáveis para que possa pertencer ao grupo. São regras do cotidiano, integradas com tanto sucesso, que são percebidas como um comportamento natural e espontâneo. A esses modelos de apresentação social agregam-se as variações individuais que não modificam o quadro geral da apresentação.

Assim é a essência do Cristianismo. Após a morte do mestre, os apóstolos sentiam sua grande falta. Eles recorriam, por isso, aos rituais para fazer presente o ausente saudoso. Nos rituais da partilha do

pão, reconheciam a sua essência, a sua identidade (*arké*), presente no meio deles. O ritual da partilha, por ser estrutural, conserva-se ainda hoje, depois de dois mil anos, apesar das frequentes mudanças no horizonte conceitual de Deus (Trento, Vaticano II, Medellin, Teologia da Libertação, protestantes, negros, índios, Spinoza, Akenaton, Moisés, materialismo histórico e ciência). É por isso que, quando meu mestre *Davus* perguntou-me, por telefone, se algo sobrara da formação do seminário eu lhe disse, de pronto: Sim a essência. Perguntou-me se a essência era a crença em Deus? Disse-lhe, também de pronto: Não, a experiência da partilha.

A ciência trabalha com fatos mensuráveis. O mito judaico cristão, como o de outras religiões, pela sua fluidez e efemeridade, não é mensurável. A partilha o é porque, para ser real e verdadeira tem que se democratizar no pão, no econômico. Se o econômico é determinante do ideológico como defendia Marx, a partilha é científica. Quando ela acontece, eleva-se o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. A felicidade torna-se mensurável, na aferição do índice de alfabetização, da taxa de mortalidade infantil e na expectativa de vida. Assim, nos rituais de partilha, materializa-se e quantifica-se a identidade cristã. Sou, por isso, um ateu cristão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, de camarote, assisto o desmoronamento da Teologia da Libertação, edificada com base nos ideais de Jesus Cristo, João XXIII, de Paulo VI e de João Paulo II. A Igreja de Roma retoma o horizonte conceitual do Deus de Trento, fechando as portas para a ciência e para os movimentos sociais libertários. É por isso que, no momento atual, não defendo e nem fomento a criação de religiões, crenças e igrejas porque são de origem humana e promovem o assassinato da genuína mensagem de Jesus Cristo. Nego-me a converter pessoas e comunidades para religiões e igrejas onde se cultuam deuses absolutos porque suas crenças, indubitavelmente, promovem sentimentos etnocêntricos que sustentam impérios eclesiais e laicos onde se locupletam poucos e morrem muitos.

Sem religião e sem deus, na aridez das angústias científicas, ainda conservo a credencial de Jesus Cristo e de João XXIII. Sou um grito político egoísta, materialista e histórico. O que mais quero, nesta vida, única, temporal e efêmera, é que Ducilene e nossas crias sejam felizes, com vida plena no tempo e no espaço. Sei que só há um caminho para a felicidade delas: o sonho utópico de Jesus Cristo, a partilha. Em mim, mais forte que nunca, continua ecoando o grito angustiado do mestre: *Heli, Heli, lama sabactani*, que se traduz como Deus, ó Deus (de Roma e de Trento), por que me abandonaste?

REFERÊNCIAS

BINFORD, Lewis R. Archaeology as Antropology. In: **Archaeological Perspective**. New York: University of New Mexico; San Francisco & London: Seminar Press. 1962, p. 21-32.

DICIONÁRIO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO. Antônio Teixeira Guerra. 6 ed. revista e atualizada pelos geógrafos Ignez Amélia Leal Teixeira Guerra e Antônio José Teixeira Guerra. Rio de Janeiro: IBGE. 1978, 448 p.

GALLAY, Alain. **L'Archéologie demain**. Paris: Pierre Belfond. 1983, 295 p.

KESTERING, Celito. **Registros rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho - BA** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2001. 225 p.

_____. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho - BA** (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2007. 298 p.

LORENZ, Konrad. **Os Fundamentos da Etologia**. Tradução de Pedro Melo Cruz e Carlos C. Alberts, São Paulo: Universidade Estadual Paulista. 1995.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara**. **FUMDHAM/PETROBRÁS; São Paulo, SP: A&A Comunicação. 2003. 304 p**

SHENNAN, Stephen. **Genes, Memes and Human History, Darwinian Archaeology and Cultural Evolution**. New York: Thames & Hudson. 2002, 304 p.

WILSON, Edward Osborne. Da Natureza Humana. Tradução de Geraldo Florsheim e Eduardo d'Ambrósio (1981). São Paulo: T. A. Queiroz Editor AS. & Editora da Universidade de São Paulo. 1978, 266 p.